

Mandrágora: raiz humana da esperança, remédio para o amor

*Glória Maria Della Libera Pratas**

*Mandrágora*¹ nasceu para abrir um novo campo para a reflexão de assuntos sobre gênero e religião. Como a planta que lhe empresta o nome, a revista nasceu com uma raiz humana, fazendo brotar, ao longo do caminho, por meio de seus textos, uma nova história que vai além das diferenças, das desigualdades e da dominação.

Assim é, também, a mandrágora. Planta da família das solanáceas, a *Mandragora officinarum* é nativa do Mediterrâneo, de caule muito curto, com uma roseta de folhas, de cujo centro alteiam-se hastes de flores de coloração entre o violeta e o azul. A raiz, frequentemente bifurcada, possui contornos de uma forma humana — mais especificamente, a de uma mulher — e, sendo grossa e carnuda, assemelha-se a um par de pernas. Conhecida há milhares de anos, foi muito utilizada na Antiguidade e na Idade Média, em manipulações, quer na medicina, quer na feitiçaria e nas religiões campestres e entre os escravos, por conter propriedades — extraídas de suas folhas e raiz dissolvidas ou maceradas em leite ou álcool — afrodisíacas, analgésicas, narcóticas e alucinógenas.



Na cultura monoteísta do século IX a.C., a referência às mandrágoras não era considerada idolatria. Assim, elas exerceram papel importante na formação sociocultural dos povos, sendo encontradas, frequentemente, nos mitos e ritos pertencentes à vida seminômada da época.

Na Bíblia, a mandrágora é referida em dois textos:

- Gênesis 30.14: “Foi Rúben nos dias da ceifa do trigo, e achou mandrágoras no campo, e trouxe-as a Lia, sua mãe. Então, disse Raquel a Lia: Dá-me das mandrágoras de teu filho”.
- Cântico dos Cânticos 7.13: “As mandrágoras dão cheiro, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; ó amado meu, eu os guardarei para ti”.

Em Gênesis, a mandrágora representa, para as mulheres estéreis, o caminho de esperança para a fertilidade e a maternidade. No caso do Cântico dos Cânticos, é integradora dos corpos e do amor.

Em ambos, notamos sua propriedade afrodisíaca. O termo “mandrágora”, מַדְרַגּוֹרָה (madrágorá) em hebraico, deriva da mesma raiz de “amor”: o que reforça a idéia de fertilidade e seu elemento afrodisíaco.

Finalizando, temos na mandrágora, um elemento simbólico e um referencial sócio-cultural-religioso cuja importância vai além do corpo — com suas propriedades farmacológicas —, ou seja, age na alma e no imaginário religioso como resgatadora do amor, da fertilidade e do prazer.

* Teóloga, mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Seu projeto de pesquisa, na área de Antigo Testamento, aborda o tema “Mandrágoras e terafins: mitos e ritos na cultura de Israel a partir de Gênesis 25 a 36”.

¹ Figura extraída de: <http://www.mind-surf.net/drogas/imagenes/identifica-mandragora-b.jpg>.